

Revolta e esperança na *tanatografia* de Antonin Artaud

Anaxsuell Fernando da Silva – UFRN

Encontrado morto em seu quarto, caído aos pés da cama, segurando um sapato, Antonin Artaud (1896-1948) construiu sua obra a partir de seus tormentos e inscreveu-se no imaginário dos leitores como um autor inquietante. Em suas obras: *Heliogábalos* (disponível em língua portuguesa pela Assírio&Alvim, 1991) ou *O anarquista coroado; O teatro e seu duplo* (Martins Fontes, 1993); *Os Tarabummaras* (Relógio D'água, 2000); *O Teatro da crueldade; Van Gogh – o suicidado da sociedade?* (Somente em francês, Gallimard, 2001) cunhou definitivamente sua revolta contra as noções cartesianas que disjuntam a cultura e a vida.

Alex Galeno, professor vinculado ao departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no seu primeiro livro autoral – ele organizou em parceria os seguintes livros: Em 2004, pela Sulina, *Geografia, ciência do complexus; Complexidade à flor da pele*, pela Cortez Editora em 2003; pela editora Escrituras, *Jornalismo e literatura*, em 2002; e *Antonin Artaud, a revolta de um anjo terrível*. Porto Alegre: Sulina, 2005. Originalmente tese doutoral defendida na PUC/SP, nela Galeno evita a mitificação, estatuetização e mesmo a antiestatuetização freqüentemente presente nos simpatizantes, nos comentadores estudiosos de autor, sobretudo quando tematizam a loucura, as drogas, a revolta e, ou mesmo, o lado místico dos escritores. Apartando-se dos registros redutores e identificadores e de qualquer tipo de análise unidimensional ou *cronográfica*, o autor concebe com destreza dialógica Artaud como *sapiens-demens*, um “estranho estrangeiro” que reorganizou desordens, paradoxos e crueldade.

O teatro artaudiano é um protesto. Condição fundamental “para vaziar os abscessos coletivamente”, é nele que o “anjo terrível” expôs dramas de si e da cultura, mostrando-nos as evocações universais sobre os acontecimentos destas, aconselhando-nos a recobrar o grito de revolta – uma revolta que afronte as crueldades do mundo, mas não despojada de “ebulições tranqüilizadoras”. Do bálsamo, símbolo da tranqüilidade, aos excrementos do corpo, micróbios inquietos que afetam tudo e todos.

E assim, Galeno nos acompanha nessa *Artaudicéia* em uma abertura sucedida de cinco “ato-percursos”. Em cada um deles, interpelando-nos e seduzindo-nos a que instauremos uma ética de resistência e desloquemos nossos sentidos para que possamos religar cultura e natureza e, assim, instauraremos uma “nova ética planetária”.

No primeiro *ato-percurso* “Atletismo afetivo”, Alex Galeno apropria-se do termo usado primeiramente pelo próprio Antonin Artaud em *O Teatro e seu duplo* para “definir que o bom ator é aquele que se aquece mais pela alquimia dos sentimentos e pela linguagem do corpo do que pelas palavras e representação do texto”. Este ato-percurso que é iniciado com a forte cena da morte do autor em estudo, por nós já descrita acima, nos demonstra os temas mais recorrentes em sua produção, como a morte, que, segundo Galeno, é um *themata* – expressão cunhada por G. Holton e utilizada por Edgar Morin – para a vida e arte artaudiana. Por este motivo é possível dizer que Antonin Artaud construiu ao longo da vida uma tanatografia. Os amores, incesto, amizades e teatro também são recursivos na vida e obra de Artaud. Vale ressaltar que essas temáticas não se

reduzem aos aspectos descritivos da biografia e, sim, se entrelaçam, construindo uma rede complexa de sentidos.

Em *Peste: a revolta dramática*, segundo *ato-percurso*, o tema da revolta é trabalhado como uma dimensão ética, estética e como movimento íntimo para o pensamento e a política. Visto que, hoje o conhecimento científico caracteriza-se pela fragmentação, dispersão e simplificação, Alex Galeno estabelece diálogo com Edgar Morin e outros autores vinculados ao pensamento complexo, na busca de uma nova episteme que enfrente os patrulheiros das fronteiras disciplinares do saber e da vida, para que “não deixemos de exercitar uma ética planetária geradora de sujeitos menos fragmentados e alimentada de sonhos e esperanças”. Assim, compreendemos como Artaud age simbolicamente como uma “máquina de guerra” instaurando uma nova linguagem e uma nova ética.

Antonin Artaud, fugindo das prisões da cultura racionalista da França vai para o México em busca de um diferente sentido para o teatro, para o pensamento e para a vida. Nesta, a imagem simbólica do navio é uma recorrência, no terceiro *ato-percurso*, pois “navega por águas vivas inspiradoras de seus mares poéticos”. É em *Artaudicéias* que o autor discute os deslocamentos, desencantamento cultural do teatrólogo com seu país, a França, narrando “sua aventura antropológica, geopoética e asilar”, como um “expedicionário de alma errante”.

Galeno argumenta que é possível que Artaud canalizasse seus delírios para um processo criativo, pois mesmo com “toda crueldade praticada nas clausuras dos asilos, ainda lhe foi possível traçar suas linhas de fuga: cartas, poemas, desenhos”. As suas comunicações com o mundo exterior aos hospitais psiquiátricos serviram como uma evasão possível. Esta temática é abordada no quarto *ato-percurso*, *Exílio: cartas*.

Rizomas artaudianos, terminologia amoldada ao sentido empregado por Gilles Deleuze e Félix Guattari, como uma rede conectiva de sentidos e como uma forma horizontalizada de comunicação. Neste

quinto *ato-percurso*, Alex Galeno encerra sua análise destacando uma cronologia detalhada da vida-obra de Antonin Artaud.

Aberto, não por acaso, com a epígrafe de Ernesto Sábato “Hemos perdido el silencio y también el grito” e sucedido por cada um dos atos-percursos *Antonin Artaud, a revolta do anjo terrível* de Alex Galeno incomoda-nos e sugere que a realidade, a arte e a vida não se submetem aos nossos esquemas mentais. Esse livro deve ser lido especialmente pelos que trafegam com pesquisas no campo do: itinerário intelectual, Estudos de Autor, estudiosos de Sistemas de Pensamentos, interessados pela Sociologia da Cultura e da Arte e, por extensão, por todos os enamorados pela poesia e pelo teatro francês. Assim, esse livro nos proporciona uma fecunda reflexão acerca dos dilemas e desafios da instauração de uma nova ética planetária, numa análise da relação vida-obra com uma metodologia inovadora, e nos propõe que recuperemos o silêncio e também o grito diante de um mundo cruel e cínico, desde a epígrafe até a última das suas 206 páginas.